

## As novas arenas e as emoções dos torcedores dos velhos estádios

Gustavo Andrada Bandeira \*

Matheus Passos Beck\*\*

**Resumo:** A concepção de um espaço que receba de forma organizada um público para assistir a uma disputa esportiva envolve diversos fatores: sua localização, os meios de transporte que o farão chegar ao local, de que maneira será assistido o jogo, quem o assistirá. A própria arquitetura do estádio exerce uma forma de controle do público. Ela não é neutra. É permeada por relações de poder que pretendem selecionar e produzir seu público. Em um diálogo com a antropologia das emoções, este ensaio pretende problematizar as discursividades sobre o comportamento dos torcedores de estádio no Brasil a partir da remodelação da arquitetura nas novas arenas. Para tanto selecionamos as edições impressas do jornal Zero Hora para verificarmos o que se esperava do público antes do jogo de inauguração da Arena Porto Alegre entre Grêmio e Hamburgo e o que se disse desse público após a partida. Os textos do jornal nos permitem identificar a aposta em um novo tempo, a preocupação com a segurança do público, a emoção dos olhos lacrimejados e da pele arrepiada, além da condenação pública da violência física entre torcedores.

**Palavras-chave:** Emoções; Arenas; Torcedores

Em 30 de outubro de 2007 o Brasil foi confirmado como o país sede para a Copa do Mundo da Fifa, edição de 2014. Naquela data o Brasil recebia a honra, a distinção, o direito, mas principalmente o dever de realizar a Copa do Mundo masculina de futebol da Fifa. Inúmeras obras precisariam ocorrer em diferentes esferas para que o país se adequasse ao padrão exigido pela dona do evento. O chamado “padrão Fifa” passaria a configurar uma obsessão dos dirigentes brasileiros em diferentes âmbitos.

Uma das necessidades urgentes para o país seria a adequação de suas praças esportivas ao tal “padrão Fifa”. Em 2014, o Brasil terá doze novas arenas esportivas feitas para a Copa do Mundo – sem considerarmos as arenas do Grêmio<sup>1</sup>, do Palmeiras, o novo Morumbi e diversas outras construídas sob a mesma égide. Cinco delas estão sendo reformadas (Beira Rio, Arena da Baixada, Maracanã, Mineirão e Castelão), cinco construídos desde as suas fundações (as arenas Corinthians, Pantanal, Pernambuco, Amazônia e das Dunas) e dois foram demolidos (Mané Garrincha e Fonte Nova) e estão sendo erguidos a partir de uma nova concepção. O “padrão Fifa” impõe uma série de regras ao país que pretende receber o Mundial. Cada cidade que abrigar jogos entre seleções deve

---

\* Mestre em Educação/UFRGS

\*\* Especialista em Jornalismo Esportivo/UFRGS

oferecer condições ao público, aos órgãos diretivos e às delegações sob pena de, em caso de desobediência à regulamentação, perder o direito de sediar o evento.

Neste ensaio, pretendemos problematizar algumas das discursividades sobre o comportamento dos torcedores de estádio no Brasil a partir da remodelação da arquitetura nas novas arenas. Como essas novas arenas acolherão os torcedores dos velhos estádios. Para tanto selecionamos as edições impressas do jornal Zero Hora para verificarmos o que se esperava do público antes do jogo de inauguração da Arena do Grêmio<sup>2</sup> entre Grêmio e Hamburgo e o que se disse desse público após a partida. Apesar da imprecisão de determinar como o público responderá a esses novos espaços, existe uma expectativa de um comportamento distinto dos espectadores nesses novos espaços. A própria arquitetura do estádio exerce uma forma de controle sobre público.

### **Arenas “padrão Fifa”**

A concepção de um espaço que receba de forma organizada um público para assistir a uma disputa esportiva envolve diversos fatores: sua localização, os meios de transporte que o farão chegar ao local, de que maneira será assistido o jogo, quem o assistirá. Além disso, existe uma preocupação para que o protagonismo do espetáculo (incluindo os seus desvios) se concentre no campo de jogo. O próprio estádio exerce uma forma de controle do público para que ele se limite as suas ações enquanto público, enquanto ator coadjuvante.

Ao longo dos anos e em diversos países, conforme avançava a popularização do futebol, avançava também a necessidade de adequar as praças esportivas à sociedade local. Segundo Richard Giulianotti (2010) poucos países com tradição futebolística deram o tratamento adequado a seus campos de jogo. Segundo o autor, em 1993, aproximadamente quatro em cada cinco estádios ingleses datavam sua construção de um período anterior à Primeira Guerra Mundial. Esses locais possuíam as arquibancadas abertas, tribunas estilizadas e ficavam em locais próximos ao transporte público – ferrovias preferencialmente.

As praças esportivas que vieram após o período das grandes guerras receberam uma arquitetura funcional. As arquibancadas passaram a possuir assentos contrastando com o público de massa que permanecia em pé no período anterior. Áreas destinadas a outros esportes, com pista atlética, foram incluídas nos desenhos. Muitos desses estádios foram construídos em locais isolados, distantes das regiões centrais, quando o transporte individual passou a ser prioritário. No caso brasileiro os cinco estádios que foram mantidos datam deste período. Esses estádios foram

concebidos em sua totalidade “com base no princípio de aglomeração de massas” (GIULIANOTTI 2010: 95).

Após 1990, com as medidas tomadas na Inglaterra em decorrência do Desastre de Hillsborough<sup>3</sup>, os estádios passaram a seguir normas que determinam a forma como eles são concebidos atualmente. A recuperação dessas características está presente, em boa parte, nas demandas da Fifa para a construção ou reforma das atuais arenas. A listagem das exigências da entidade para que um estádio tenha condições de receber um evento promovido por ela (no caso brasileiro, a Copa do Mundo e a Copa das Confederações) ficou conhecida no país como Caderno de Encargos. O documento oficial é conhecido, contudo, como Requisitos e Recomendações Técnicas<sup>4</sup>. São 248 páginas de instruções aos organizadores sobre como proceder para atender às exigências da Federação.

O Caderno de Encargos lista dez requisitos considerados básicos – embora, como o nome indica, sejam recomendações. Existe a possibilidade de uma avaliação subjetiva feita pela Fifa caso algum item não seja atendido de forma plena. O primeiro versa sobre as *decisões pré-construção*. A Fifa pede um estudo de viabilidade e impacto na região onde será erguida a nova arena. Ela ainda sugere que haja um mínimo de trinta mil assentos para jogos internacionais, cinquenta mil para um jogo de final de Copa das Confederações e sessenta mil para a final de uma Copa do Mundo. Em relação à localização, se recomenda a existência de estacionamentos próximos, bem como opções de transporte público – metrô, ônibus e aeroporto. Centros comerciais e hotéis também são sugeridos.

O segundo requisito versa sobre a *segurança* e é esmiuçado em um item exclusivo. As indicações de entradas, saídas, escadarias, portas e rotas de fuga devem estar sinalizadas corretamente de acordo com o código universal. É destacado ainda que os portões devem possuir abertura do interior para o exterior, e que os mesmos devem manter-se destrancados enquanto houver público dentro do estádio. Também é pedido que haja um sistema de controle e monitoramento panorâmico das áreas internas e externas. Uma sala para atendimento médico também é exigida.

O terceiro item regula a *orientação do campo e estacionamento*. Seguindo o mesmo compêndio de regras internacionais de sinalização, as direções para que se chegue ao estádio devem estar indicadas no ingresso e nas dependências próximas ao local do evento, bem como a indicação dos assentos na parte interna. Um adendo à regra sugere que uma cerca deva ser colocada no perímetro externo para que haja vistoria e triagem das pessoas que circulam pelo local. Uma segunda parte do processo deve ser feita nos portões de entrada. Sobre o estacionamento, o estádio

deve oferecer 17,5% de vagas em relação à capacidade total. No caso de um estádio com capacidade para sessenta mil espectadores, deve haver dez mil vagas para carros e outras quinhentas para ônibus particulares. O documento sublinha que um espaço deve ser destinado ao *hospitality parking* para “convidados VIP<sup>5</sup>” – em outro item, os integrantes deste espaço são descritos como *special guests and commercial partners*<sup>6</sup>. As delegações devem possuir ao menos duas vagas de ônibus e oito de carro, dentro do estádio, próximas aos vestiários e isoladas do público. Integrantes de veículos de mídia devem ter reservado uma entrada exclusiva, com sala de imprensa de 30 m<sup>2</sup>. Caminhões de transmissão TV, para a final da Copa, devem ter entre 3 mil e 5 mil m<sup>2</sup> de área disponível, em local adjacente, segurança reforçada e sistema independente de geração de energia. A mesma ideia, sem limitação de espaço, é dada para os veículos de transmissão via satélite. Veículos de emergência e segurança devem estacionar em área adjacente ou no interior do estádio, em posição que permita um rápido escoamento do público. Um heliporto próximo também é sugerido.

O quarto requisito dispõe sobre as regras da *área de jogo*, baseadas na regulamentação oficial do esporte: campos com 105 m de comprimento por 68 m de largura. O tipo de grama não é determinado, mas se exige inspeção prévia. A separação do gramado com a arquibancada não deve ser feita por barreiras. O controle do acesso deve ser feito por seguranças particulares e policiais a fim de evitar invasões. Outras formas de controle sugeridas são a elevação da arquibancada em relação ao gramado e a construção de um fosso. Os bancos de reserva fazem parte da mesma indicação, sendo dois com capacidade para vinte e duas pessoas cada, dispostas em paralelo. Placas de anúncios publicitários devem estar entre 4 e 5 m da linha lateral, 5 m atrás do gol e 3 m da bandeira de escanteio, e possuir entre 0,9 m e 1 m de altura.

Os *vestiários*, quinto requisito do Caderno, devem ter uma área de entrada exclusiva e possuírem itens idênticos em ambos – para anfitriões e visitantes. A área mínima é de 150 m<sup>2</sup> para os jogadores e 24 m<sup>2</sup> para os treinadores. As mesmas dimensões devem ser obedecidas para os árbitros. O túnel de acesso deve ter um mínimo de 4 m de largura e 2,2 m de altura. Em partidas internacionais, o recomendado é uma largura de 6 m. Os árbitros e os jogadores de cada time devem ter acessos individuais ao campo. Próximo aos vestiários deve haver duas áreas para aquecimento com 100 m<sup>2</sup> cada.

Elementos relacionados ao conforto dos *espectadores* fazem parte do sexto item da listagem. A cobertura é desejável em locais com alta incidência de sol e de climas frio ou úmido. O estádio deve ter assentos individuais e afixados à estrutura da arquibancada, com largura mínima de 0,47 m e encosto de pelo menos 0,3 m de altura. A distância mínima entre as poltronas é de 0,85 m.

Mais uma vez, assentos para o público VIP possuem distinções, como ter localização central e separada das cadeiras do público geral. A visibilidade do campo é considerada essencial, não sendo permitidos “pontos-cegos”. Deve haver pelo menos cinco pontos de venda para cada mil espectadores, e projetados de forma que não obstruam a circulação no estádio. Todos os setores devem ter rampas para portadores de deficiência, sanitários adaptados e serviços de apoio, assim como portão de entrada exclusivo.

O sétimo item *hospitalidade* recupera outros elementos anteriormente apresentados, como o setor VIP e áreas comuns, além de acrescentar especificações para camarotes e suítes para até 20 pessoas. Um setor denominado VVIP<sup>7</sup> é reservado a dirigentes da federação e do Comitê Organizador Local (COL). Outras condições especiais são detalhadas para que parceiros comerciais e patrocinadores tenham preferências em dias de jogos.

Assim como eles, a oitava recomendação – *mídia* – recebe atenção especial para divulgar a marca do evento<sup>8</sup>. Por isso, as cabines de imprensa devem ter localização central no estádio, com múltiplas conexões de energia, telefone e *Internet*. Para as finais da competição, é exigido um mínimo de 50 cabines de rádio e televisão para três pessoas cada e ao menos três estúdios de 25 m<sup>2</sup>, de fácil acesso. Entrevistas coletivas devem ocorrer em espaços exclusivos de, no mínimo, 100 m<sup>2</sup> e entrevistas no gramado devem ocorrer nas zonas mistas com espaço individual de 2,5 m<sup>2</sup>. Uma das últimas integrantes do manual são as *Flash Interview Positions*, uma espécie de placa com fundo transparente entre os vestiários e o campo para entrevistas na saída do jogo.

A nona recomendação se refere à *iluminação* e suprimentos de energia com as instruções para o fornecimento de energia elétrica durante o evento. A federação recomenda o uso de um gerador próprio e um sistema alternativo com capacidade de reserva para três horas. As especificidades em relação à quantidade de luz fornecida variam de jogos nacionais para internacionais.

Por fim, o item *comunicação* e áreas adicionais estabelecem as exigências em relação aos recursos oferecidos internamente: tipo de conexão de *Internet* utilizada, conexões elétricas e eletrônicas, linhas telefônicas. Outros departamentos, como almoxarifado, escritórios e salas de reuniões, também são explicitados neste item.

### **Arenas multiusos e o novo público**

Uma semana antes da inauguração da Arena a pauta dos jornalistas estava na despedida do antigo estádio do Grêmio, o Olímpico. O cronista Wianey Carlet destacava a emoção com a despedida do estádio justificando a necessidade de um novo momento na história do clube, “a velha casa dos gremistas já estava velhinha, cansada, pontilhada de goteiras e sofrendo cada vez

mais com o desconforto que proporcionava aos seus aficionados” (2012: 45). No domingo, dia 02, o jornal veiculou diversas matérias contando a história do estádio que estava saindo de cena. Mesmo com muito pesar pela despedida, a expectativa de melhora não saía de pauta, “é bom esclarecer que ninguém (...) nega que a Arena será o mais espetacular dos abrigos para quem gosta do Grêmio” (GERMANO 2012:10).

Na segunda-feira, pós-despedida do Olímpico, o cronista Luiz Zini Pires afirmou que o “clássico marca o final de uma era para os gaúchos” (2012a: 19). A entrada em um novo momento histórico foi utilizada na terça-feira como argumento por Diogo Olivier para justificar medidas rigorosas contra o torcedor que havia atirado um rojão sobre o banco de reservas do Internacional na última partida. O comentarista exigia severidade para o torcedor, “não sei quem é o torcedor que atirou o rojão para dentro do campo no Gre-Nal. Mas sei que o Grêmio não deve só identificá-lo. Deve impedi-lo de entrar na Arena, sócio ou não sócio” (2012a:50). Os megaeventos que serão sediados no Brasil reforçavam a justificativa do jornalista, “os clubes têm que entrar firme nisso. Ainda mais agora, em tempos de arenas multiuso e visibilidade mundial por conta da Copa do Mundo de 2014” (Ibidem). No mesmo dia, ZH destacou uma nota sobre a liberação provisória da avalanche<sup>9</sup>, movimento realizado pela torcida Geral do Grêmio no novo estádio, “o Grêmio cumpriu a determinação da Brigada Militar e do Corpo de Bombeiros e instalou gradis na Arena. A medida serve para impedir, parcialmente, a torcida de fazer a tradicional comemoração dos gols, a avalanche” (2012b:49).

A preocupação com o deslocamento dos torcedores até o estádio que seria inaugurado no dia 08 de dezembro levou ZH a publicar duas páginas explicativas na edição do dia 05 de dezembro. Uma das páginas esteve destinada aos torcedores que pretendiam ir até a inauguração de carro particular e a outra para os que fariam o deslocamento com transporte público. No dia 06, Diogo Olivier destacava os desafios das novas arenas que estão sendo inauguradas no Brasil:

A meta das arenas multiuso que se multiplicarão no Brasil rumo a 2014 é conquistar aquele público que ficava em casa assistindo pela TV, sem paciência para aturar tanto desconforto em estádios velhos e ultrapassados. Para sustentar os custos de manutenção de tanto conforto e possibilidades de lazer, o ingresso será naturalmente mais caro. Terá de acontecer uma mudança cultural no exercício de torcer (2012b: 53).

Dia 08 de dezembro marcava a inauguração da Arena do Grêmio. Naquele sábado, ZH produziu um encarte especial intitulado *Agora é Arena*. Diogo Olivier destacava o encontro do clube com sua nova casa e desta com a torcida do Grêmio, “o futuro azul começa neste 8 de dezembro de 2012, quando o Grêmio ganhará sua nova casa, e a Arena ganhará aquilo que faz um estádio de futebol existir: o torcedor” (2012c: 2). O jornalista argumentava que mesmo que a imensa obra já estivesse pronta há alguns meses, apenas agora a Arena estaria completa, “até este

sábado, até este 8 de dezembro, a Arena era linda, moderna, mas faltava-lhe o essencial. Faltava-lhe alma. E um estádio sem alma é o mesmo que nada” (Ibidem). Segundo o jornalista “a Arena só passará a existir de verdade quando o torcedor do Grêmio entrar pelos portões, tomar assento e cantar. Aí, sim, tudo estará consumado. Aí, com milhares de vozes unidas numa só paixão, enfim, a Arena ganhará alma” (Ibidem). Alguns dos desafios postos pelo novo tempo para o clube seriam “aumentar a receita, impulsionar a média de público, estimular a fidelidade do torcedor” (2012a: 10). Um novo tempo para as relações entre as torcidas dos clubes de Porto Alegre era apontado pelo cronista Luiz Zini Pires. Segundo ele, “a inauguração da Arena, seguida pela remodelação do Beira-Rio, deve decretar torcida única em Gre-Nais na Capital. As pessoas envolvidas na gestão dos estádios temem depredações, especialmente por parte das torcidas organizadas (2012b:53).

A ZH de segunda-feira, dia 10, teve seu caderno de esportes destacado para a inauguração da Arena. Na crônica *Imensidão azul*, David Coimbra destacou a emoção na abertura da nova casa gremista, “lágrimas foram derramadas às catadupas por milhares de torcedores emocionados com a festa de abertura” (2012: 2). O cronista seguiu destacando o protagonista da festa, “o verdadeiro show foi o orgulho do torcedor” (Ibidem). A relação entre os torcedores também foi lembrada, “o que ficou claro foi que a maioria da torcida não tolera mais a violência e a falta de educação de alguns torcedores” (Ibidem).

As mudanças de comportamento do torcedor apareceram com destaque nas matérias sobre a inauguração.

Aquele torcedor europeu que se aloja em poltronas confortáveis de arenas, que assiste aos jogos de perto, que ouve o barulho do chute, que deixa o local rápido em longas rampas e que tanto nos causa inveja, pois bem, a partir da inauguração da Arena ele tem um sério concorrente. Nasceu no sábado à noite um novo torcedor e um novo patamar no futebol brasileiro (MÜZELL 2012:5).

A briga que ocorreu no setor destinado aos torcedores que assistiram o jogo em pé foi apontado como um dos pontos a melhor no teste da Arena, “a Geral do Grêmio foi o ponto destoante numa noite que deveria ser só de alegria. Uma briga entre seus integrantes, iniciada ao final do primeiro tempo, resultou em sete detenções pela BM” (2012c:7).

Na coluna *Bola Dividida*, Luiz Zini Pires também fez menção as relações do estádio com a torcida, “a Arena inaugurou o novo século dos estádios no Brasil. Abriu um espetacular espaço ao torcedor, que ocupou as cadeiras como se estivesse num teatro de futebol” (2012c: 11). O colunista fez algumas previsões sobre esse novo século dos estádios no país, “o conforto atrairá mais e mais torcedores, formará novos, elevará a média de ocupação. Nada será como antes. (...) Cada gremista precisa criar o próprio mapa e reinventar-se como torcedor na casa do futuro” (Ibidem). Ainda sobre

as torcidas, o jornalista dedicou um de seus textos para lamentar os incidentes violentos ocorridos junto aos torcedores da Geral do Grêmio.

A Geral tinha dois adversários pesos-pesados: Brigada Militar e Ministério Público. Sábado enfrentou um novo e poderoso: os outros torcedores gremistas que estrearam a Arena e assistiram, ninguém contou, mais um episódio violento na intensa vida da Geral. (...) O clube lutou contra a BM e o MP para garantir espaço deferenciado (sic) para os fãs mais animados no novo estádio. Ganhou. Perdeu tudo antes dos primeiros 45 minutos da era da Arena. Viu que certos integrantes da Geral, ao contrário da grande maioria do grupo, não podem frequentar o mesmo espaço destinado ao gremista de verdade. O futebol é esporte familiar (PIRES 2012d:11).

Após a estreia, Diogo Olivier seguia argumento sobre a entrada em um novo tempo, “nada será como antes, tudo será diferente em alguma medida nas relações da imprensa esportiva e o seu trabalho, do Grêmio com o seu torcedor e deste com a sua casa enquanto patrimônio e negócio” (2012d: 11). O enfrentamento entre torcedores da Geral também foi destacado pelo jornalista. “Torcedores brigaram feio atrás da goleira. E eram todos gremistas. (...) Qual foi a reação do estádio, com intensidade jamais vista no Olímpico? Uma vaia estrondosa com direito a palavrões condenando a atitude dos baderneiros” (Ibidem).

Outro conjunto de torcedores foi destacado com ares de coluna social em ZH, “o setor mais luxuoso da Arena (...) [recebeu] os ex-governadores Antônio Britto, Germano Rigotto e Yeda Crusius (...). O Grêmio pretende arrecadar de R\$ 15 a R\$ 20 milhões por ano com esse setor” (FISCHER 2012: 12). As presenças de figuras públicas na inauguração também foi destaque em uma coluna de política do jornal. “A inauguração da Arena foi uma festa de gremistas para gremistas, em que os discursos políticos não tiveram maior destaque, mas nem por isso uma legião de políticos deixou de se reunir nos camarotes para prestigiar a data histórica” (DUARTE 2012: 10).

Em entrevista publicada na coluna *Bola Dividida*, no dia 11 de dezembro, o diretor presidente da Brio, sociedade de propósito específico criada pelo Internacional – principal rival do Grêmio – e pela Andrade Gutierrez para a reforma do estádio Beira-Rio – estádio que sediará os jogos da Copa do Mundo de 2014 em Porto Alegre –, Marcelo Flores, destacou uma diferença importante entre a Arena recém inaugurada e o estádio ainda em reformas, “nosso padrão é Copa do Mundo, nada menos. Não teremos, por exemplo, pessoas em pé durante os jogos. A Fifa não permite” (PIRES 2012e:45).

## **Novo público e novas emoções**

O comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural. As manifestações públicas das emoções, como as que acontecem nas praças esportivas, não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas estão inseridas dentro de um contexto simbólico que limitará o número de ações possíveis para aqueles que pretendem identificar-se com determinados grupos identitários. Nas manifestações coletivas é possível visualizar as ideias e sensações de uma determinada coletividade (MAUSS, 1979). Na perspectiva da “antropologia das emoções”, os comportamentos considerados adequados em espaços culturais como os estádios de futebol estão associados a uma interpretação e avaliação de um determinado estímulo que possui seu sentido construído historicamente, permeado por relações de poder. Como qualquer outro fenômeno cultural, as emoções são construções sociais, “não faz sentido (...) falar de emoções inatas e universais, idênticas através das culturas e através do tempo” (PUSSETI, 2006: 3).

O pertencimento de um indivíduo a uma determinada torcida subjetiva os sujeitos. As torcidas de futebol colocam os indivíduos em um processo de subjetivação coletiva, “as multidões reunidas nos estádios prestam-se a encenar fenômenos de identidade coletiva” (SEGALEN 2002: 76). A participação das torcidas está inserida em uma comunidade de sentimentos que é aflorada pelas falas, gestos, odores e cores que reorganizam as identidades e alteridades por aquilo que Arlei Damo (2005) chama de clubismo. É nesse contexto que se podem avaliar as expressões emotivas. As emoções são constantemente convocadas para participarem dos espetáculos futebolísticos.

Em trabalho anterior (BANDEIRA, 2012) foi possível verificar que as formas de manifestação não eram homogêneas nos diferentes *pedaços* do estádio. A Arena do Grêmio reservou um espaço de pouco menos de dez mil lugares para torcedores em pé ignorando, inclusive o tão aclamado “padrão Fifa”. O conceito de *pedaço*, conforme proposto por José Guilherme Magnani auxilia a pensar essa relação do torcedor com os diferentes locais dos estádios. Os torcedores que frequentam os diferentes *pedaços* do estádio não o fazem apenas por possibilidades financeiras. Dentro desses diferentes *pedaços* se ensinam e aprendem comportamentos específicos e bastante restritivos, “o componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambiguidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica” (MAGNANI 2002: 22). É interessante pensar que *pedaços* novos estão sendo disponibilizados nessas novas Arenas e quais os *pedaços* não terão lugar no futuro do futebol brasileiro.

O novo estádio do Grêmio é destacado a partir do grande conforto que poderá propiciar a seu torcedor. Nos antigos estádios, porém, alguns torcedores preferiam assistir aos jogos em locais de menor conforto, em pé e atrás dos gols, com um campo de visão prejudicado. A avalanche da Geral do Grêmio tem sido um importante ponto de discórdia no novo estádio, uma vez que o Corpo de Bombeiros e a Brigada Militar entendem que não há segurança adequada para essa prática na nova casa gremista<sup>10</sup>. Esse movimento pode causar, inclusive, alguma lesão em seus integrantes. Porém, nesse contexto de emoções, a prudência nem sempre é o elemento preponderante. O “torcedor apaixonado” se expõe, pois necessita de intensidade, ele precisa correr riscos, para comemorar com entusiasmo uma vitória, ele terá de ser capaz de chorar infantilmente uma derrota.

### **Novos estádios, novos torcedores, novas emoções**

As novas arenas acabam inserindo os torcedores em espetacularidades diferentes das que existiam nos velhos estádios. Qualquer previsão sobre o futuro é uma aposta quase sempre marcada pela perspectiva de mundo ou de futebol daqueles que estiverem dispostos a apostar. Diferentes perspectivas concordam que teremos uma mudança de comportamento dos torcedores. Essa mudança acontecerá a partir de uma nova participação dos torcedores dos velhos estádios ou essas novas participações serão feitas por novos frequentadores de estádio?

O que chama a atenção é a falta de manifestações contrárias a esse novo momento de elitização dos estádios na imprensa esportiva. O aumento de custos e de conforto parece justificar um aumento natural no preço dos ingressos. Mesmo que por um momento ignoremos a majoração dos preços dos ingressos, a relação proposta com esse novo modelo de praça esportiva parece restringir manifestações mais populares ou de expressões de emoções coletivas. A Fifa destaca em suas exigências espaços reservados para os VIPs, mas ignora a necessidade de espaços populares, nem mesmo é possível permanecer em pé. O futuro parece dar aos estádios brasileiros um ambiente de teatro, de futebol europeu ou do conforto do sofá de casa.

Em Porto Alegre temos uma experiência ocorrida no final da década de 1990 e início da década de 2000 que nos permitem enxergar um cenário um pouco mais pessimista em relação ao esporte mais popular e sua relação com os torcedores das classes sociais menos abastadas. Naquele período, o estádio Beira-Rio precisou fechar seu setor mais popular do estádio<sup>11</sup> alegando que naquele local o torcedor não tinha um bom campo de visão para a partida. No mesmo período, o clube começou a instalação de camarotes no estádio. Hoje sabemos que os antigos frequentadores

daquele setor não se deslocaram para setores de melhor visibilidade, mas acabaram deixando de frequentar o Beira-Rio.

Ao mesmo tempo esse novo cenário permitirá uma nova apropriação desse espaço. Se a elitização for um caminho sem volta, os torcedores precisarão encontrar novos espaços para torcer. Se não for mais possível correr no estádio para comemorar um gol, os torcedores precisarão encontrar outras maneiras de festejar. Se as novas Arenas necessitarem de um público de teatro, existirá uma boa oportunidade para que os torcedores revolucionem as formas de assistir teatro no Brasil.

## Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. 2012. Amor e masculinidades nos estádios de futebol. *Esporte e Sociedade*, v. 7, n. 19: 1-26.

DAMO, Arlei Sander. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre.

GIULIANOTTI, Richard. 2010. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49: 11-29.

MAUSS, Marcel. 1979. A expressão obrigatória dos sentimentos. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática: 147-153.

PUSSETI, Chiara. 2006. Emoções migrantes: afinidades e diferenças como factos políticos. In: 3º Congresso da APA (Associação Portuguesa de Antropologia). Lisboa, 6 a 8 de abril.

SEGALEN, Martine. 2002. “Homens, esportes ritos”. In: SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV: 69-90.

### Referências do material empírico

CARLET, Wianey. Despedidas. *Zero Hora*. Porto Alegre, 1 dez. 2012. Wianey Carlet, p. 45.

COIMBRA, David. Imensidão azul. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 2-3, 10 dez. 2012.

DUARTE, Letícia. Arena política. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012. Página 10, p. 10.

ELES também mudaram. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 10-11, 8 dez. 2012a.

FISCHER, Milena. Arena premiun. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 12, 10 dez. 2012.

- GERMANO, Paulo. Os últimos dias. *Zero Hora*. Porto Alegre, 2 dez. 2012. Olímpico Eterno, p. 10.
- INSTALADOS gradis para restringir a avalanche. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 49, 4 dez. 2012b.
- MÜZZEL, Rodrigo. Um novo jeito de ver futebol. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 5, 10 dez. 2012.
- O teste da Arena. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 6-7, 10 dez. 2012.
- OLIVIER, Diogo. Castigo neles. *Zero Hora*. Porto Alegre, 4 dez. 2012a. Diogo Olivier, p. 50.
- OLIVIER, Diogo. O desafio da Arena. *Zero Hora*. Porto Alegre, 6 dez. 2012b. Diogo Olivier, p. 53.
- OLIVIER, Diogo. Um novo tempo. *Zero Hora*. Porto Alegre, 8 dez. 2012c. Agora é Arena, p. 2-3.
- OLIVIER, Diogo. Revolução. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012d. Diogo Olivier, p. 40.
- PIRES, Luiz Zini. O clássico dos seis volantes. *Zero Hora*. Porto Alegre, 3 dez. 2012a. Bola Dividida, p. 19.
- PIRES, Luiz Zini. Torcidas. *Zero Hora*. Porto Alegre, 8 dez. 2012b. Bola Dividida, p. 53.
- PIRES, Luiz Zini. Século 21. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012c. Bola Dividida, p. 11.
- PIRES, Luiz Zini. Sem noção. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 dez. 2012d. Bola Dividida, p. 11.
- PIRES, Luiz Zini. Estádio Fifa. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 dez. 2012e. Bola Dividida, p. 45.

<sup>1</sup> Com o objetivo de dar fluidez ao texto optamos por utilizar os nomes fantasia dos clubes e estádios, da forma como são noticiados no cotidiano pela imprensa e seus torcedores.

<sup>2</sup> A Arena do Grêmio foi o primeiro estádio inaugurado sob a lógica de construção ou reforma das arenas multiusos.

<sup>3</sup> Também conhecido como *tragédia de Hillsborough*, ocorreu em 15 de abril de 1989 em Sheffield, na Inglaterra. Morreram 96 pessoas durante uma partida entre o Liverpool e o Nottingham Forest. O evento deu origem ao Relatório Taylor, uma investigação feita pelas autoridades britânicas para descobrir as causas do desastre, e que gerou um documento que serve de base para a construção dos estádios contemporâneos.

<sup>4</sup> A denominação original, em inglês, é *Technical Recommendations and Requirements*.

<sup>5</sup> Very importante people

<sup>6</sup> Em tradução livre, “convidados especiais e parceiros comerciais”.

<sup>7</sup> Em inglês, *very-very important person*, ou pessoa muitíssimo importante.

<sup>8</sup> O termo Copa do Mundo é uma marca registrada pela FIFA.

<sup>9</sup> Movimento dos torcedores correndo para baixo pelas arquibancadas após os gols do Grêmio.

<sup>10</sup> Essas discussões se tornaram mais importantes após o incidente ocorrido na partida Grêmio *versus* LDU do Equador, no dia 30 de janeiro de 2013, pela Copa Bridgestone Libertadores, em que a grade de proteção da arquibancada cedeu deixando alguns torcedores feridos, dos quais oito receberam atendimento nos hospitais da cidade e foram liberados.

<sup>11</sup> Chamado pelos torcedores de Coréia.